



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

IANNE RAMOS MORAIS

**COLONIALIDADE E BRANQUITUDE NA COSMOVISÃO DE BENJAMIM: UMA
LEITURA DE *O NOSSO REINO*, DE VALTER HUGO MÃE**

PATU

2024

IANNE RAMOS MORAIS

**COLONIALIDADE E BRANQUITUDE NA COSMOVISÃO DE BENJAMIM: UMA
LEITURA DE *O NOSSO REINO*, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dra. Annie Tarsis
Morais Figueiredo

PATU

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M827c Morais, Ianne Ramos
COLONIALIDADE E BRANQUITUDE NA
COSMOVISÃO DE BENJAMIM: UMA LEITURA DE O
NOSSO REINO, DE VALTER HUGO MÃE. / Ianne Ramos
Morais. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
2024.
47p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Colonialismo. 2. Relações de poder. 3. Branquitude.
4. Racismo. 5. Narrador-protagonista. I. Figueiredo, Annie
Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte. III. Título.

IANNE RAMOS MORAIS

**COLONIALIDADE E BRANQUITUDE NA COSMOVISÃO DE BENJAMIM: UMA
LEITURA DE O NOSSO REINO, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em: 22/02/2024.

Banca examinadora:

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Vanessa Bastos Lima

Prof.^a. Dr.^a. Vanessa Bastos Lima (Examinadora 1)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Mylena de Lima Queiroz

Prof.^a. Dr.^a. Mylena de Lima Queiroz (Examinadora 2)
Universidade Federal da Paraíba

Ao meu porto seguro, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À graduação em Letras Português que me moldou como ser humano, com toda a sua complexidade, unicidade e laços afetivos. Portanto, quero agradecer primeiramente a todas as pessoas que contribuiu, de forma direta ou indireta, para que eu atravessasse esse caminho tão bonito e grandioso em minha vida.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora por me permitirem estar viva e com saúde. Senti a presença dEles em todos os momentos da minha trajetória.

Aos meus pais Vancinar Ramos de Oliveira Morais e José Carlos Morais por todo o apoio e incentivo, principalmente por fazerem-me compreender que a educação transforma a vida das pessoas. Obrigada por tudo e por tanto.

À minha orientadora Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo, por ter aceitado o convite de direcionar-me durante todo o percurso da minha monografia, principalmente por toda paciência, empatia e empenho que foram cruciais para a minha pesquisa.

A todos os professores do curso que estiveram na minha jornada e deixaram um pouquinho de si em mim. Em especial, às professoras Luciana Nery, Beatriz Pazini, Leidiana Alves, Lara Alves, Keila Lairiny, Sidileide Batalha, Aline Inhoti, por todos os afetos recebidos na UERN. Levarei cada um em meu coração.

Ao meu namorado, Yorkael Medeiros Dantas, por ser companheiro e segurar a minha mão na jornada da vida, me acalmando em momentos difíceis e dando todo o suporte necessário quando precisei.

Aos meus amigos que tornaram o processo infinitamente mais leve e feliz: Pedro Lucas Nunes, Jackeline Fernandes, Lucas Maia, Wyslania Elizia, Klebio Galdino e Alvanir Carlos. Gratidão por todo zelo, acolhimento e empatia.

Agradeço a banca examinadora, Profa. Dra. Vanessa Bastos Lima e Profa. Dra. Mylena de Lima Queiroz, por aceitarem o convite e por disponibilizarem grandiosas contribuições que serão significativas para a minha pesquisa.

“Se pudesse desejar algo [...] não desejaria riqueza nem poder, mas a paixão da possibilidade; desejaria apenas um olho que, eternamente jovem, ardesse de desejo de ver a possibilidade.”

Kierkegaard, Der Augenblick [O instante]

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a forma que a colonialidade e a branquitude estão representadas através do olhar de Benjamim, narrador-protagonista de *O nosso reino* (2019), do escritor português Valter Hugo Mãe. Percebe-se que as questões citadas estão presentes desde o final do século XV, sendo o período de dominação de um povo sob outro e permanecem presentes na sociedade de múltiplas formas, pois a discriminação e a inferiorização é visível em relações de poder e na hierarquização de raças. Essa visão é exposta na obra, pois percebe-se que Benjamim e sua família possuem traços da construção social do colonizador e, portanto, utilizam de seus poderes para inferiorizar e marginalizar as personagens negras existentes na narrativa. Por isso, eles não questionavam as formas de ser e de estar no mundo, uma ideia culturalmente imposta as personagens do romance, entendidos como colonizados. Assim sendo, buscamos compreender sobre a questão da raça e a construção das personagens negras na diegese, além da branquitude e do entendimento acerca do (des)encanto pela existência humana sob a cosmovisão do protagonista e sua abertura anticolonial para a vida. Por isso, para esta pesquisa, foram necessários o aporte teórico composto por Bento (2022), acerca da branquitude e a forma em que as relações de poder estão instituídas e protegidas em diversos ambientes; Kilomba (2019) e Fanon (2008), para abordar o racismo pautado no privilégio branco; Lourenço (2001), para trazer a perspectiva europeia para trazer a perspectiva europeia e o lugar em que os portugueses estão no processo de colonização; Santos (2018), acerca da cosmofofia e o medo de se relacionar com o âmbito biológico e natural; Leite (2002), referente ao narrador autodiegético e Morrison (2019), em relação ao racismo anti-negro. A partir das análises, constatou-se que a colonialidade e a branquitude atravessam as relações e as vivências das personagens, pois Benjamim acreditava que o “normal” ou “anormal” seria de acordo com a cor da pele, sendo uma construção social pautada no campo racial.

Palavras-chave: Colonialismo; Relações de poder; Branquitude; Racismo; Narrador-protagonista.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze how coloniality and whiteness are represented through the eyes of Benjamin, the narrator-protagonist of *O nosso reino* (2019), by Portuguese writer Valter Hugo Mãe. It can be seen that the issues mentioned have been present since end of the 15th century, the period of domination of one people over another and remain present in society in multiple forms since discrimination and inferiorization are visible in power relations and the hierarchization of races. This view is exposed in the novel, as it is clear that Benjamin and his family possess traits of the social construction of the colonizer have, and therefore use their powers to inferiorize and marginalize the black characters in the narrative. That's why they didn't question the ways of being in the world, an idea that was culturally imposed on the characters in the novel, who were seen as colonized. Therefore, we seek to understand the issue of race and the construction of black characters in the diegesis, as well as whiteness and the understanding of the (dis)enchantment of human existence under the protagonist's worldview and his anti-colonial openness to life. Therefore, for this research, it was necessary to use the theoretical framework of Bento (2022), about whiteness and the way in which power relations are instituted and protected in various environments; Kilomba (2019) and Fanon (2008), to address racism based on white privilege; Lourenço (2001), to bring in the European perspective and the place where the Portuguese stand in the colonization process; Santos (2018), about cosmophobia and the fear of relating to the biological and natural realm; Leite (2002), regarding the autodiegetic narrator and Morrison (2019), in relation to anti-black racism. The analysis showed that coloniality and whiteness permeate the relationships and experiences of the characters, since Benjamin believed that "normal" or "abnormal" was based on skin color, a social construction based on race.

Keywords: Colonialism; Power relations; Whiteness; Racism; Narrator-protagonist.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 O REINO DE BENJAMIM: O DESENCANTO PELA EXISTÊNCIA HUMANA	15
2.1 Narrador autodiegético e a questão da raça	15
2.2 A construção das personagens pretas Sr. Luís e D. Darci	21
3 AS COMPLEXAS RELAÇÕES INTERRACIAIS DAS PERSONAGENS	28
3.1 Branquitude em <i>O nosso reino</i> : o privilégio do não-negro na vila	29
3.2 O desnascer e o renascer de Benjamim: uma jornada contracolonial?	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O nosso reino, primeiro romance do escritor português Valter Hugo Mãe, conta a história de Benjamim, uma criança de oito anos, morador de uma pequena aldeia de pescadores, durante o fim da ditadura salazarista-caetanista, no ano de 1974. O enredo evidencia a dualidade entre o que é bom e o que é mau, além das múltiplas interpretações que o protagonista faz acerca do que acontece ao seu redor. No universo de seu reino, Benjamim, que é o próprio narrador, relata as suas vivências e relações com outras personagens, perpassando por temas complexos como religião, preconceitos e racismo.

O menino foi criado em uma família conservadora, preconceituosa e abusiva, enfrentando uma infância repleta de solidão, dor e culpa. O próprio lugar em que a personagem vivia era repressivo, tanto pelo catolicismo exacerbado quanto pelas relações de dominação e de poder da colonização portuguesa, pois no vilarejo, quem possuía ascensão social era essa criança protagonista e os seus familiares. Visto isso, o processo de colonialismo em *O nosso reino* é representado como a dominação e superioridade entre os povos colonizadores sobre os colonizados, dicotomia colonialista presente no vilarejo com as práticas e seus costumes sociais, por isso, os indivíduos que moravam naquela região, não questionavam o motivo de viverem e pensarem daquela forma, sendo uma maneira de ver naturalizada. Do lado do colonizado, aconteciam diversas violências, como a escravização, exclusão, e em alguns casos, a morte.

As formas de poder, de saber e de ser desse contexto textual são advindas do processo de colonização portuguesa, que se perpetua até a contemporaneidade, pois são nas práticas cotidianas e interpessoais que é possível encontrar diversos comportamentos e discursos hegemônicos e problemáticos na sociedade, por exemplo, o racismo pautado nas hierarquias raciais e na branquitude. Dessa forma, há uma distinção entre os termos colonização e colonialidade, pois o último citado reflete as reminiscências do período de colonização que é datado e documentado, desse modo: “mais do que isso, a colonialidade é o lado obscuro e necessário da modernidade; é a sua parte indissociavelmente constitutiva” (Mignolo, 2003, p. 30). Ou seja, a colonialidade é a continuação do pensamento colonial, nas relações de dominação e inferiorização, mesmo após o fim da colonização enquanto período histórico.

A colonialidade está interligada à subalternização de algumas pessoas, “o discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir *status* e valor” (Bento, 2022, p. 21). Assim sendo, é o que ocorre na narrativa de *O nosso reino*, pois Benjamim, no início da trama, vê o negro como um outro e alguém ameaçador, perigoso, exótico, anormal; enquanto o branco, é visto como um anjo, um ser divino, pois o normal para o menino seria uma pessoa igual a ele e por isso, projetava e excluía quem não tivesse a mesma cor de pele.

A temática apresentada está, portanto, vinculada à compreensão e a análise da narrativa, através do olhar do narrador-protagonista. Dessa maneira, é possível observar como a colonialidade e a branquitude estão entrelaçadas, pois são refletidas, no romance, como um processo histórico e social que mesmo depois de um tempo, ainda é presente na vida social e nas gerações contemporâneas, principalmente o não reconhecimento de benefícios e de heranças por parte dos brancos.

Desse modo, a problemática é voltada para uma leitura e análise de *O nosso reino*, de Valter Hugo Mãe, a partir da guerra colonial e dos privilégios dos brancos enxergados por Benjamim, o narrador autodiegético. Em vista disso, partimos dos seguintes questionamentos: A) De que modo a colonialidade do poder é representada na narrativa?; B) De que forma a branquitude aparece na cosmovisão do narrador-protagonista Benjamim?; C) Quais práticas de uma construção social pautadas na branquitude colonialista são reveladas na relação de Benjamim com o Sr. Luís e D. Darci?

O presente trabalho teve por objetivo geral analisar a forma que a colonialidade e a branquitude se expressam na visão de Benjamim, perpassando por entre transições de pensamentos e de ações que envolvem tanto o sujeito branco como o sujeito negro. E trouxemos, ainda, alguns objetivos específicos: 1) Compreender como a colonialidade se recria a partir do olhar do narrador autodiegético; 2) Interpretar a presença da branquitude na narrativa de *O nosso reino*; 3) Investigar se as relações vivenciadas entre Benjamim, Sr. Luís e D. Darci revelam práticas de uma construção racial hegemônica pautadas na branquitude e na colonialidade.

Diante das temáticas expostas na narrativa, com o olhar do narrador-protagonista voltado ao contexto colonial e sob a relação do negro com o branco, o colonialismo reverbera e é usado para discutir os efeitos culturais causados por ele. Essa construção do pensamento europeu provoca questões complexas que ocasionam exclusões e indiferenças, por não haver o reconhecimento do privilégio

branco e possuem lugares de prestígio em uma sociedade estruturalmente racista; além de não serem capazes de ver o negro como um sujeito histórico, condicionando o negro a uma posição subalterna.

A presente pesquisa é aprofundada a partir dos estudos hermenêuticos, desenvolvendo-se acerca de *O nosso reino* (2019), de Valter Hugo Mãe. O *corpus* provém da colonialidade e da branquitude articuladas pela voz de Benjamim, sendo uma leitura possível dessas temáticas no livro. Nesta pesquisa é compreendido e analisado o personagem principal que é Benjamim e suas relações com o reino que o cerca: “a análise mostra efeitos de realidade, cuja verdade só se desvenda pela interpretação” (BOSI, 1988, p. 284). Dessa forma, também serão exploradas as associações do protagonista com outras personagens, pensando na dualidade entre o ser negro e o ser branco.

Por essa razão, discutir e analisar tais temas em obras literárias requer muito mais do que somente ler um texto, mas exige um olhar sensível e crítico, é um processo subjetivo que ajuda a compreender a complexidade da mensagem que o autor constrói. “Se a análise literária é uma leitura de expressões, e não um recorte de segmentos materiais, ela não pode separar-se do trabalho da interpretação” (BOSI, 1988, p. 281). Logo, podem existir múltiplas interpretações acerca desta narrativa literária.

De tal maneira, é adotada a perspectiva teórica pertencente a Mignolo (2003) e Quijano (2000) no que tange à colonialidade da/modernidade; Bento (2022) acerca do branqueamento e da branquitude; Fanon (2008) com relação ao anticolonialismo e o racismo anti-negro; Franco Junior (2009) para compreensão dos tipos de narradores na literatura; Morrison (2019) sobre a construção de pessoas negras; Azevedo (2021) ao abordar a literatura negra; Kilomba (2019) acerca do racismo como problemática branca; Bonnici (2009) quanto a sociedade pós-colonial; Lourenço (2001) para abordar sobre a mitologia em torno da vontade imperial portuguesa; Nascimento (2019) sobre o preconceito no discurso; Leite (2002) com relação ao narrador autodiegético. Tendo este aporte teórico, foi trazido partes do livro *O nosso reino*, para a compreensão, análise e interpretação das temáticas abordadas.

Em relação aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, no sentido de estudar e aprofundar os fatores contribuintes sobre as temáticas selecionadas. Por isso, este estudo adota a abordagem qualitativa da pesquisa, levando em consideração o contexto e as características das personagens que

moravam no vilarejo. O desenvolvimento dos estudos se dá através da pesquisa, metodologia e análise, assumindo uma perspectiva interpretativa textual, com o auxílio do aporte teórico citado.

Assim, abordar a colonialidade e a branquitude na narrativa *O nosso reino* se torna imprescindível, pois Benjamim, evidencia em suas atitudes e descrições traços da identidade colonizadora, reproduzindo uma posição de superioridade em relação aos colonizados. Desta forma, as temáticas apresentadas são, ainda, pouco discutidas na sociedade, principalmente pelas pessoas brancas, que alimentam uma projeção acerca das pessoas negras. Por isso, o interesse pelo livro surgiu a partir da leitura para um seminário da disciplina de Literatura Portuguesa III e da detecção do modo de vida colonialista e seus efeitos presentes na obra e na representação da sociedade.

Neste sentido, esta pesquisa pode se tornar relevante para futuras investigações acerca do livro *O nosso reino*, pois possibilita um estudo sobre algumas temáticas que se fazem presentes na narrativa, sobretudo, em relação ao racismo e à branquitude. Estas questões possuem uma significância, social e culturalmente. O estudo, então, tem o viés de um olhar crítico perante a leitura e análise da obra literária.

Diante disso, a pesquisa pode contribuir para discussões teóricas nas universidades, pois Valter Hugo Mãe, autor de *O nosso reino*, possui um estilo singular e com temáticas diversificadas. Por isso, o presente estudo oferece, também, proximidade com o autor e sua escrita.

Esta pesquisa está organizada em quatro seções. São elas: Considerações iniciais, explicamos como *O nosso reino* está dividido, com a problemática e as questões de pesquisa. O segundo tópico possui dois subtópicos; no primeiro, analisamos a importância de Benjamim como narrador autodiegético e, no segundo, entendemos a forma em que as duas personagens negras são (re)construídas na narrativa. No terceiro ponto, também com dois subtópicos; no primeiro, explicamos como o privilégio branco está recriado no livro, principalmente pelas relações de Benjamim com outras personagens e, no segundo tópico, exploramos o desnascer e renascer do narrador-protagonista, pois em um determinado momento, ele reconhece o preconceito dos adultos e experiencia o que o colonizado vivencia. E, na última seção, há as Considerações finais, em que examinamos os resultados encontrados na pesquisa.

2 O REINO DE BENJAMIM: O DESENCANTO PELA EXISTÊNCIA HUMANA

O nosso reino, um dos romances da tetralogia de minúsculas, sendo este o primeiro a ser publicado, é compreendida como o ciclo da vida, desde a infância até a velhice. Uma característica da escrita é a singularidade do autor, pois é definido por José Saramago como um “tsunami” linguístico, já que Mãe não utiliza letras maiúsculas, interrogação e/ou travessão. Valter Hugo Mãe, nesta narrativa, recorre ao artifício da infância para articular a realidade com a ficção, pois a transcendência e o lirismo são resgatados em um período vivido entre o pavor e a convicção na existência em um deus e em um paraíso, como considera Mãe (2019) na obra: “*O nosso reino* é o retrato de uma solidão espiritual a partir do vulnerável ponto de vista infantil”.

Compreende-se então que Mãe elabora um narrador infantil, permitindo as (re)descobertas do seu lugar no mundo e da existência humana, não apenas o entendimento das inquietações e opressões, mas a exploração da vida e da sensibilidade que o cerca, vivenciando relações breves, mas carregadas de aprendizagens. Diante disso, o espaço que Benjamim estava inserido era repleto de angústias e a única forma de resistir era a imaginação e a fantasia.

Diante disso, este capítulo tem por finalidade compreender a voz e a construção da obra literária, principalmente o racismo e o preconceito dos adultos. No primeiro subtópico, intitulado de *Narrador autodiegético e a questão da raça*, compreende-se a forma e a importância do olhar do narrador-protagonista na identificação do ambiente, das ações, das personagens e das descrições, pois é através desta visão que nos permite entender a época vivenciada e os preconceitos que estão em volta. No segundo subtópico, denominado de *A construção das personagens pretas Sr. Luís e D. Darci* é apresentada duas personagens negras: o empregado da casa e a senhora oriunda de uma colônia portuguesa, diante disso, é visível a formação do pensamento de Benjamim no que seria bom ou mau, influenciado pelo meio em que vive. Desse modo, era de acordo com a cor de pele que a criança relacionava o que seria “normal” ou “anormal”.

2.1 Narrador autodiegético e a questão da raça

A partir da literatura e de seus desdobramentos, os estudos literários tornam-se uma área capaz de propor diversos tipos de reflexões e produzir conhecimentos,

pois atravessa contextos históricos e características variadas que compõem uma narrativa, tendo o enfoque no texto. Por causa disso, o ponto fulcral em uma obra literária é conter um narrador, pois é o porta voz na execução e no desenvolvimento de uma narrativa, sendo a ponte entre os acontecimentos da obra, o autor e o leitor, como aborda Aguiar e Silva em *Teoria da literatura* (1988):

A voz do narrador tem como funções primárias e inderrogáveis, uma função de representação, isto é, a função de produzir intertextualmente o universo diegético - personagens, eventos etc., -, e uma função de organização e controle das estruturas do texto narrativo, quer a nível tópico (microestruturas), quer a nível transtópico (macroestruturas). Como funções secundárias e não necessariamente atualizadas, a voz do narrador pode desempenhar uma função de interpretação do mundo narrado e pode assumir uma função de ação neste mesmo mundo (a assunção dessas últimas funções repercute-se nas duas primeiras e suscita problemas de focalização (...)) (Aguiar e Silva, 1988, p. 759).

No trecho acima, o autor traz a importância do narrador para a representação em um texto, fazendo com que a voz da personagem possua uma função interpretativa e crítica. Ou seja, cada indivíduo ao se deparar com uma obra literária, tem a sua própria perspectiva e olhar sensível. Em *Operadores de leitura da narrativa*, Arnaldo Franco Junior (2009) aborda que na diegese, é possível encontrar alguns tipos de narradores: o homodiegético, que é o co-referencial com uma das personagens na história narrada, o heterodiegético que não participa diretamente, mas conta a história e o autodiegético que participa e narra a sua própria história, sendo esse o protagonista da narrativa.

Por isso, o foco desta pesquisa é o narrador autodiegético, uma vez que o narrador deste romance, Benjamim, a criança de oito anos, é quem conta a sua história, baseado no seu ponto de vista, como é abordado por Leite (2002, p. 06): “sabemos que quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou”. É através dessa característica que se torna possível conhecer a construção dos pensamentos, das percepções e das emoções do narrador-protagonista infantil, mas também, o espaço e as personagens da narrativa, como é compreendido no trecho a seguir:

aos domingos, quando descíamos para a missa e o caminho até o centro da vila se enchia de vizinhos, parecíamos todos felizes. parávamos para comprar bolos na mercearia, podíamos ver os amigos da escola vestidos a rigor, como nós, e havia sempre um a parecer ridículo, embelezado com toques quase florais das mães tão zelosas [...] (Mãe, 2019, p. 19).

Assim, no fragmento acima, percebe-se que os domingos traziam uma alegria ilusória às personagens do vilarejo, pois era considerado o dia do senhor, de ir à igreja agradecer e pedir bênçãos. Portanto, é por intermédio da voz, da memória individual de Benjamim com a memória coletiva (pelas identidades criadas de colonizador e colonizado) que é possível compreender o período em que a narrativa transcorre, sendo uma época de regime ditatorial salazarista-caetanista, em Portugal, todavia, as personagens que moravam na aldeia, não discerniam tamanha opressão e censura. Com isso, nesse sentido, Leite (2002) discute:

[...] narra, portanto, de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. [...] ele pode servir-se seja da cena, seja do sumário, e, assim, a distância entre história e leitor pode ser próxima, distante, ou, ainda, mutável (Leite, 2002, p. 43).

Logo, ter Benjamim como narrador-protagonista, permite uma maior proximidade com o momento histórico e a memória do colonialismo e suas complexidades que se perpetuam até a contemporaneidade. Sendo assim, desde o início do enredo, Benjamim acreditava ser um escolhido de deus, porque a criança se atirou de um barranco – da louca suicida – e sobreviveu: “[...] além de perder o tino, roga-se ao céu perdão, lamenta-se e fica-se a saber que deus não quer que morramos. não era a nossa hora, ainda merecíamos, e eu sabia o que isso significava, ficar mais tempo vivo era merecer” (Mãe, 2019, p. 38). A partir disso, o menino manteve-se convicto que deveria ser santo e viver no propósito de deus. Em seguida, o narrador-protagonista se agarrou ao que seria divino e, por causa disso, é perceptível o quanto a religião tinha influência na sua vida, pois a criança vivia condicionada à ideia de fazer o bem e a ajudar ao próximo (desde que não fosse negro) para quando morrer, ir para o paraíso. Ou seja, o protagonista permanecia em uma oscilação do que seria de deus ou do diabo, da salvação ou do inferno, do pecado ou da redenção, como podemos ler a diante:

[...] claro que temi que sempre viesse por mim. por isso media os meus atos, temia a deus, qualquer erro poderia abrir-me as portas do inferno, que a minha convicção era de que ficar vivo muito tempo significava merecer, longe de saber que as crianças eram anjos e pertenciam ao paraíso por direito (Mãe, 2019, p. 11-12).

A noção de paraíso para ele significava um lugar de paz e de salvação, por isso,

somente pessoas que seguiam os princípios de deus e eram puras que mereciam ir para este espaço. E ainda através da voz do narrador-protagonista, é transmitido as decepções e ilusões da existência humana, pois os indivíduos do vilarejo se revelavam como transgressores no ambiente social, por exemplo, o pai e o avô de Benjamim, o Carlos, o padre Felipe. Por isso, essas personagens incorporavam os superiores e poderosos, possuindo ações machistas e violentas no meio familiar e na comunidade. Inclusive, o pai de Benjamim, em um dado momento da narrativa, agride o menino e a sua mãe, revelando, assim, um sistema patriarcal fortalecido pela colonização que, por sua vez, advém da expansão da fé cristã católica, como é percebido no seguinte trecho:

[...] com as dores senti que morreria, ainda tão grande era o turbilhão de golpes pelo simples toque na minha pele. por me arrastar até às escadas, um pequeno rasto de sangue ficou na madeira do soalho. um fio interrompido e estreito mas suficiente para me convencer, tinha sido como que assassinado pelo meu próprio pai, havia que escolher um lugar para morrer e descobrir, em fim, todo o mistério da vida e da morte (Mãe, 2019, p. 75).

No fragmento acima, a expressão de se sentir como um fio interrompido, evidencia a ruptura da existência por parte da criança, pois percebe-se uma tristeza internalizada dentre tanta crueldade e opressão. Outra questão exposta no trecho, é a ênfase na morte, por ser emblemática para Benjamim, pois mesmo após a criança ter tentado o suicídio, ainda assim, acreditava que merecia viver na violência, sob a permissão de um deus que ele temia.

Por esse motivo, a crença em um deus salvador *versus* castigador também era uma forte característica de sua família e das demais personagens do vilarejo, pois utilizavam do *status* de cristão para serem opressores, sobretudo, o padre que desfrutava deste artefato para agredir o menino: “quando o padre me bateu da primeira vez fiquei perplexo” (Mãe, 2019, p.19). Benjamim, por sua vez, não imaginava que o padre teria essa postura, pois para a criança, era um ser que representava o bem, mas se sentiu desconsolado quando vivenciou o peso da figura desta personagem: “fiquei uma pedra presa ao chão, os joelhos a tremer como madeira tola a querer ferir o mármore” (Mãe, 2019, p. 19). Ao se sentir como uma pedra presa e tremer como uma madeira, denota o peso do medo e da frustração advindos da religião e da educação que eram transmitidos a Benjamim.

Além disso, existia as violências físicas e psicológicas que o pai transmitia para

a criança e sua mãe: “fiquei muito sozinho e vulnerável a ser abandonado pela minha própria família, rejeitado era como estava” (Mãe, 2019, p. 86). A imagem de um ambiente solitário é representativa para Benjamim, pois o menino se sentia desprezado por ter sido violentado pelo padre e pelo seu pai, figuras que deveriam o proteger e não lhe causar transtorno. Esta violação é vista nos pais de famílias que acreditam ter o direito de agredir mulheres e crianças, e com isso, Benjamim retratava as múltiplas violências que um ser humano poderia sentir. Por isso, no trecho percebe-se o lugar aprisionado que o menino vivia:

não basta o cristo, nove vezes crucificados nas nove imagens que habitavam a casa – dois na sala, três no corredor, um na entrada, um no quarto do menino, no outro no quarto do avô e mais um no escritório – para fazer dela um pouso de salvação nem um espaço sagrado (Mãe, 2019, p. 11).

Desta forma, o número nove era simbólico e carregava um significado, assim como é abordado no *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (2003, p. 10): “o nove anuncia ao mesmo tempo um fim e um recomeço, isto é, uma transposição para um plano novo”. O fim é representado pelo término da ditadura de Salazar-Caetano enquanto o recomeço é entendido como o início da Revolução dos Cravos e uma nova perspectiva de mundo para Benjamim. Todavia, os nove cristos crucificados na casa, exprimiam a opressão, a angústia e a dor que a família proporcionava, pois no período da ditadura, o catolicismo servia como um meio de controle social para encobrir as misérias das personagens. Sendo assim, os familiares da criança acreditavam que deus habitava o local, mesmo que as práticas e ideais não condissessem com o Cristo vivo. Por isso, o “pouso de salvação” pode se referir a pregação de um deus castigador e severo, porque o “espaço sagrado” seria, de fato, um ambiente que o próprio Deus estaria presente, com amor e paz.

Dessa maneira, é visível a presença de comportamentos e descrições preconceituosas e complexas na família de Benjamim e no reino em que vivia¹, sendo questões culturais enraizadas, decorrentes do processo da colonização. Então, desde a infância, os indivíduos que moravam no vilarejo de pescadores português, eram criados com um pensamento colonialista e seguiam os princípios da fé cristã católica. Como citado, os familiares de Benjamim são interpretados como personagens

¹ A relação do reino de Benjamim faz uma referência ao próprio título da obra com a oração do Pai-Nosso do cristianismo, e, também, serve para retratar a forma em que ele sentia, presenciava e propagava a fé cristã católica no vilarejo.

colonizadoras, já que eram os únicos da vila que possuíam um poder aquisitivo maior.

O livro é composto por várias temáticas complexas como, por exemplo, o preconceito, como, literalmente, mostra o trecho: “[...] numa vila encerrada em preconceito” (Mãe, 2019, p. 61) e o racismo que são questões decorrentes inclusive da colonização e aparecem no desdobramento da narrativa, principalmente quando Carlos – o irmão mais velho de Manuel, melhor amigo de Benjamim – retorna da guerra de Angola com uma perspectiva racista e passa a se assemelhar ao pai, ao avô de Benjamim e ao padre Felipe, com uma concepção autoritária: “[...] regressou com ar de homem, contou-nos muito em segredo que perdera a virgindade, que as pretas é que gostam de foder, vocês haviam de as ver de mamas à mostra. [...] achei que era porco e estava sujo na alma [...]” (Mãe, 2019, p. 52). O discurso de Carlos objetivava “valorizar” Angola de maneira pejorativa e preconceituosa, evidenciando os aspectos culturais da liberdade e do corpo, colocando a mulher negra em uma imagem sexualizada. Por isso, a intenção dele era causar choque e pavor em Benjamim e Manuel para influenciá-los a pensar da mesma forma que os “homens” pensavam. Desta forma, segundo Benjamim, o porco e sujo de alma, é interpretado como uma visão paradoxal, pois a criança entendia que Carlos estava louco da guerra, mas, deveria estar com os pecadores para se tornar santo e puro.

No trecho acima, Carlos regressou da guerra com o vocabulário que apontava uma agressividade e aversão às pessoas africanas. É notório que as mulheres negras, para a personagem, serviam apenas para satisfazer a vontade dos homens brancos que estavam lutando na guerra. É a partir dos posicionamentos das personagens familiares e amigas, que a infância de Benjamim é carregada de ações e de discursos marginalizantes quando se trata dos sujeitos negros que viviam na aldeia de pescadores, como acontece na passagem a seguir:

[...] quem pensava ele que era, o carlos, a mudar assim as nossas coisas, a falar de angola como se tivesse direito de desprezar a nossa vila, e era uma vila de deus, tínhamos a igreja, tínhamos o cemitério, e os milagres a abençoarem as nossas vidas (Mãe, 2019, p. 56).

O fragmento acima, traz a ideia da igreja, do cemitério, dos milagres e da bênção divina como meios de composição da santidade da vila, como se deus habitasse somente neste local e não reconhecesse pessoas negras como seres humanos. Além disso, que não soubesse da existência de Angola, por isso, o bem não habitava nesse e em outros países da África: “em angola tudo podia acontecer, porque

os lugares eram ermos, esquecidos de tudo e de todos e deus não devia saber sequer que eles existiam [...]” (Mãe, 2019, p. 54). Ou seja, existia a fantasia branca de que este era o lugar do sujeito negro na sociedade, esquecido de tudo e de todos, pois a comunidade que vivia no vilarejo não possuía abertura de mundo para entender a diferença. Neste caso, as personagens não olhavam para si como opressoras, reforçando assim, um discurso preconceituoso e estereotipado.

Nesse cenário, o entendimento é que tudo que fosse ruim, negativo e pecaminoso, seria negro e escuro, como é abordado na obra *Peles negras, máscaras brancas*, de Frantz Fanon (2008, p. 126): “no inconsciente coletivo, negro = feio, pecado, trevas, imoral. Em outras palavras: é negro aquele que é imoral”. O sujeito negro, na visão eurocentrada e branca construída pelos adultos e, em parte, transmitida a Benjamim, era simbolicamente interligado com a morte, pois no imaginário da criança, morrer seria algo ruim e negativo vindo do homem mais triste do mundo, como ele chamava o coveiro, uma figura alegórica da morte:

[...] o manuel falou-me do cão muito negro, estive longamente a ouvir a mãe a convocá-lo. não podes imaginar, a minha mãe conseguiu falhar-lhe, tinhas razão, é o cão do homem mais triste do mundo e está vivo porque não é de morrer, mas não faz mal a ninguém. traz-lhes a morte quando é a hora [...] (Mãe, 2019, p. 77).

Na narrativa, o homem mais triste do mundo percorre por todo o vilarejo, e, no pensamento imaginário do narrador infantil, o coveiro possuía o poder de selecionar a hora, o dia e o lugar da morte de alguma personagem da aldeia, por esse motivo, existia a crença oral e onipresente de que esta personalidade causava medo e temor da morte. Portanto, a criança vivia reprimida e amedrontada em seu reino, exceto do que fosse branco, puro e de deus. E, dessa forma, o menino cresce em um ambiente cercado de opressões e de preconceitos, além dos remorsos e das culpas que os adultos proporcionavam, mas que apesar disso, era um universo de resistências, mesmo que Benjamim não compreendesse.

2.2 A construção das personagens pretas Sr. Luís e D. Darci

O papel do negro, ao longo do século XVII, foi visto como exploratório e discriminatório e, por causa disso, a sua historicidade individual e coletiva, se tornou fragmentada e com um forte sentimento de não pertencimento. Pois apesar da

abolição da escravidão, na prática não houve uma real libertação ou alterações nas péssimas condições de vida dos não-brancos, pois estes indivíduos não foram inseridos na sociedade e continuavam sendo mal-vistos pelas demais pessoas. Portanto, pela necessidade de sobrevivência os negros foram indiretamente forçados a continuar submetendo-se às situações que construíam uma escravidão velada, sendo uma história marcada pela continuidade da relação entre dominador e dominado. Por isso, ainda assim, é comum encontrarmos a representação do sujeito negro em posições rejeitadas na sociedade, sendo o fator contribuinte para traumas em corpos negros. A cor da pele se tornou, então, uma experiência coletiva de opressão, pois a hierarquização da humanidade em raça reafirma o discurso que é justificado pela discriminação: no poder, os brancos. Enquanto os negros, à margem. A exclusão da raça negra é visível em diversas instituições, reforçando assim, a dominação de um poder colonial que atravessa gerações de relações dominadoras.

Na construção da Literatura, existe uma definição, segundo a qual a ideia de que: “[...] a literatura pode ser desidratada de gênero, raça, tonalidade e classe não passa de uma ilusão, uma fantasia acalentada pelos autores como resposta fabulosa ao trauma racial” (Azevedo, 2021, p. 21). Ou seja, ao retratar essas questões étnico-raciais e hierárquicas em obras literárias, há uma exposição de experiências vivenciadas, e é por meio da Literatura que as personagens negras manifestam a presença do racismo nas relações de poder e tentam romper com o círculo vicioso do racismo estrutural que tanto inferioriza e oprime, mesmo após o fim da escravidão.

Então, a criação de personagens negras permite uma expansão da voz e de espaços à comunidade negra, como bem aborda Luiz Mauricio Azevedo (2021):

[...] personagens negros possibilitam uma literatura enegrecida. Nesse sentido, importa menos que essas personagens tenham sido criadas por escritores brancos e muito mais que lugar eles ocupam na narrativa criada para eles. A literatura possui eloquência (Azevedo, 2021, p. 86).

Por isso, no trecho acima, percebe-se uma relevância na construção dessas personagens para a identificação e, conseqüentemente, para o pertencimento de pessoas negras no campo social e cultural, pois a Literatura possibilita diversas formas de ver o mundo e conhecer diferentes vivências e realidades, de se sentir conectado com a vida. E, é fulcral que autores brancos também abordem sobre as múltiplas existências para que haja a descolonização de pensamentos excludentes,

principalmente dos próprios indivíduos que não reconhecem o seu poder na sociedade e sua estrutura preconceituosa e, inclusive, patriarcal.

Por essa razão, analisamos como em *O nosso reino* há duas personagens negras: o Sr. Luís que era o empregado da casa dos avós de Benjamim: “foi nessa altura que os meus avós trouxeram lá para casa um empregado novo. tinha um jeito torto de responder, diziam lhe que a má educação haveria de o pôr no inferno” (Mãe, 2019, p. 21). E mesmo o Sr. Luís sendo inferiorizado e subalternizado dentro da família, é entendido que a relação da má educação seria por causa da desobediência e da insubmissão da personagem, e por ele não seguir as ordens, iria para o inferno. Esta questão também pode se referir a própria diferença de classe social, pois percebe-se que a família de Benjamim estava em uma camada social elevada, enquanto o empregado não possuía poder econômico e era visto como inferior. A outra personagem é a D. Darci que era uma moradora africana do vilarejo, nativa de Moçambique:

falou-nos, então, dos pretos e das pretas, e eu disse que havia uma senhora de moçambique a viver na vila [...] eu juro que a dona Darci me parecia uma senhora normal, mas preta, como uma camisola normal, igual a uma camisola branca mas preta (Mãe, 2019, p. 53).

No excerto acima, há o confronto entre a voz de Carlos e a voz da D. Darci que, inclusive, é a quem Benjamim, no decorrer da diegese, escutará e redescobrirá sobre a existência humana. Nas descrições das personagens, percebe-se a construção de um pensamento racista, sendo uma consequência do medo de pessoas negras que foi difundido cultural e racialmente a Benjamim. E não tem o entendimento de que o Sr. Luís e a D. Darci possuíam suas diferenças históricas e identitárias.

No livro *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*, de Toni Morrison, é abordado “[...] a tendência dos humanos de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados [...]” (Morrison, 2019, p. 11). Traz o olhar da raça como uma questão primordial a ser controlada, pois ao mesmo tempo que há a ascensão de uma raça, há a subalternização de outra e são sempre os Outros, os inferiores, invisibilizados, incompatíveis e diferentes; destacando que o próprio conceito de raça foi criado a partir das relações coloniais. O Sr. Luís, para Benjamim, era visto como um inimigo que deveria ser conquistado para deixar de o temer.

O preconceito racial é explícito e violento na narrativa. Em um momento, para aniquilar o seu medo do negro, Benjamim se articulou com Manuel para matar o Sr. Luís. E havendo a ideia de que quando o sujeito negro morresse, ele iria para um lugar condenado. Percebendo-se, assim, a negação da vida negra e a legitimação de uma estrutura de morte e descarte desse corpo: “o manuel quis matá-lo [...] chegámos a correr para a cozinha e buscar a faca maior de todas [...], e quando o matássemos desvanecer-se-ia em fumo e subiria para o lugar das almas proscritas [...]” (Mãe, 2019, p. 22). Então, como os dois meninos não conseguem realizar tal ato, eles pedem para que deus permita a morte: “o manuel achava que deveríamos rezar então, para que deus o matasse segundo o nosso pedido. que o afastasse, se maligno era, que morresse.” (Mãe, 2019, p. 22). Logo após, por causa da sua fé cristã católica, Benjamim sentiu-se culpado por pensar dessa forma.

Em *O nosso reino*, a construção das personagens negras é baseada na regressão à primitividade. A partir do olhar de Benjamim, é entendido como o racismo está instaurado no pensamento das personagens do vilarejo e impacta de forma excludente e exploratória, pois acreditavam que os negros eram representados como animais e havia uma simbologia do caos, no qual, a representação animalesca era vista como desequilibrada e desordenada, fazendo assim, uma comparação com o sujeito negro: “[...] sabe, mamã, eu e o manuel queríamos matar o senhor luís, porque chispava e rosnava como um bicho” (Mãe, 2019, p. 25). Ou seja, é um pensamento construído no cenário ocidental e perpassado pelos adultos do vilarejo, como é compreendido no seguinte trecho:

[...] podiam os homens ter filhos, que muitos pretos só tinham pai, muitos só tinham mãe e outros nasciam dos bichos, a maior parte, até há anos, nascia dos macacos, e em angola tudo era possível por isso, porque deus não ordenava as coisas, porque as coisas eram dominadas por um caos que ninguém podia explicar e por isso pareciam magia (Mãe, 2019, p. 54).

Nesse sentido, é notável que Benjamim e Manuel utilizavam estratégias para Outremizar o sujeito negro, nesse caso, o Sr. Luís, subalternizando-o e tentando confirmar a si mesmo como o normal, como a vítima, assim como Morrison (2019, p. 12) discute: “Como uma pessoa se torna racista, ou sexista? Já que ninguém nasce racista, e tampouco existe qualquer predisposição fetal ao sexismo, aprende-se a Outremização não por meio do discurso ou da instrução, mas pelo exemplo”. Então,

o exemplo da marginalização é construído desde a infância do narrador-protagonista, e como mencionado, o vilarejo de pescadores era, comumente, racista.

Desta forma, na obra *Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra* é dito que “[...] a literatura é tanto afirmação quanto negação; é tanto confirmação quanto refutação [...]” (Azevedo, 2021, p. 52). Então, a negação é fortemente marcada pela crueldade com a população negra que são vistos, tanto na narrativa quanto na vida social como um perigo para a vida. Sendo assim, o preconceito racial é uma realidade violenta adjacente das raízes europeias, pois remonta ao passado das práticas do colonizador e os seus efeitos, gerando uma rejeição as pessoas negras.

Neste caso, a D. Darci é vista como a subalterna, a apagada de fé, a que não merece salvação: “[...] por algum motivo insondável, deus guardara a dona darci apagada de fé. [...] tem a alma preta, é o que é” (Mãe, 2019, p. 83). A lógica da “alma preta” é aplicada no decorrer da narrativa, pois Benjamim era submetido à ideia de que a fé representava uma luz, enquanto o escuro e o apagado, representava o negro que seria o diabo, como é abordado por Gabriel Nascimento (2019): “as línguas são a base do racismo”. Ou seja, essas expressões e pensamentos demonstram como o racismo está repleto de uma carga pejorativa preconceituosa aos negros, sendo imagens e terminologias associadas a aspectos negativos, como é visto no seguinte trecho, mais uma vez, a construção da figura demoníaca animalesca atribuída ao sujeito negro:

[...] e eu estava seguro de que fora ele [...] a minha mãe a lamentar e não se poder levantar e o diabo a passar no corredor e eu juro, olhou para mim com fogo nas ventas, não sei se sorrindo ou se furioso por ter falhado o alvo. e o diabo era de quatro patas, preto e cabeça em chamas (Mãe, 2019, p. 25).

Na passagem citada, o Sr. Luís, simbolicamente, é retratado como um bicho pelo narrador autodiegético, esse conservava repugnância e aversão, sendo reafirmado o estereótipo através das ações e dos pensamentos que projetam o negro como uma ameaça para a vida social, havendo ainda outra camada violenta, que é a construção da desumanização de pessoas negras: “do monstro que passara a habitar a casa deixava-me eu ao largo, sem nunca lhe atrasar o passo. nunca lhe toquei, nunca estive realmente perto” (Mãe, 2019, p. 23). O fragmento acima mostra o medo de se contaminar por uma raça que é representada como suja, ruim e infectada pela fantasia branca. A segregação está visível em áreas marginalizadas, onde as pessoas

negras são impedidas de terem contato com os espaços ditos brancos, sendo um racismo cotidiano que aparece de maneira inequívoca.

Enquanto a personagem D. Darci, representava o triste e o feio, mesmo a criança possuindo apreço por ela, ainda assim, acreditava que a moçambicana havia sido castigada ao nascer negra, e, por esse motivo, não merecia fazer parte do que seria o normal, e para ele, o normal era ser branco, anjo, um ser divino: “a dona darci sorria, voltei caminho atrás e estremeci por ela. triste e preta [...] perguntava-me. seria assim ou não, haveria de lhe advir dor grande, dor grande já tinha. maior ainda, triste e preta nem o saberia [...]” (Mãe, 2019, p. 84). No caso, existe uma semelhança entre os dois trechos: a construção do negro é baseada na insignificância social e evidenciação racial do negro, pois a raça é valorizada para oprimir, violentar e matar.

Nesse sentido, a prática da segregação racial não é refletida somente nos gestos e nos olhares, mas nos discursos e nas ações que colocam o negro como um indivíduo ameaçador e exótico, como é apresentado neste trecho: “eu admiti-lhe que uma pessoa preta parecia ter saído de um forno, como se estivesse cozinhada [...]” (Mãe, 2019, p. 83). É um preconceito reproduzido em diversos âmbitos sociais, em festas, supermercados, transportes públicos ou no próprio círculo familiar e de amigos, que acontece no desdobramento da narrativa com o Sr. Luís e a D. Darci. Desse modo, vem sendo construída uma sociedade branca que a contribuição negra se torna quase que imperceptível, porque é desvalorizada e escamoteada. Há uma desigualdade social e racial complexa e este fenômeno não está presente somente no período de fim da colonização da narrativa, mas no sistema estrutural do neocolonialismo e da colonialidade.

Em *O nosso reino*, além do preconceito de cor com a D. Darci e no país que Carlos descreve em suas falas, existia a inferiorização por causa do gênero, resultando assim, no sexismo: “[...] não me parecia gostar de nada que as outras senhoras não gostassem. de foder, dizia ele, com a boca cheia da palavra [...]” (Mãe, 2019, p. 53). Desta maneira, as mulheres negras eram vistas como a personificação do selvagem, dito isto, bell hooks (2020, p. 17) discorre: “tínhamos medo de reconhecer que o sexismo poderia ser tão opressivo quanto o racismo”. Na obra, a mulher não vivencia somente o racismo, mas também o sexismo, visível, principalmente, quando Carlos coloca a mulher negra em uma posição de objeto para exploração sexual.

O sexismo, ainda, está evidente em outra parte da obra quando a criança questiona Carlos sobre Angola: “inocente eu perguntei, e de que mais tinhas medo em angola. respondeu-me, da falta de mulheres, que depois de uma, não se pode ficar sem. porquê, insisti eu. olha, é da natureza [...]” (Mãe, 2019, p. 56). Mostra, mais uma vez, a visão violenta e misógina, pois se relaciona com as mulheres angolanas porque as considera objetos para satisfazer o seu desejo carnal, também representando a figura do homem branco colonizador. É evidente o machismo nas expressões sobre as mulheres, sobretudo, sobre as mulheres negras que vivenciam tanto o racismo quanto o sexismo.

Ao longo da narrativa, é englobada a relação de pertencimento e de não pertencimento; pois pertencer seria fazer parte do vilarejo, isto significa ser branco, pensar da mesma forma que o regime político de Salazar-Caetano pregava, e como consequência disso, seguir os princípios da religião católica e da cultura portuguesa. Enquanto não pertencer estaria para as personagens negras, por causa das diferenças culturais, raciais e sociais. Por isso, Sr. Luís e a D. Darci eram tidos como os deslocados, os diferentes e os sem fé. O sentimento de pertencer ou não pertencer explora, escraviza e descarta quem não faz parte da comunidade idealizada que é Portugal, porque a prática do colonizador é, narcisicamente, não aceitar as diferenças, pois a melhor forma de pensar e a única maneira de ser e estar no mundo digna é a dele.

Portanto, o racismo é uma questão central em *O nosso reino*, mas a branquitude não é evidenciada, porque não há a compreensão e o reconhecimento desse privilégio que faz parte de Benjamim e sua família, pois os membros familiares eram dependentes e alienados ao governo de Salazar-Caetano, sendo um regime marcado pelo autoritarismo, uma crença que os cegava, e por isso, se viam em uma posição de colonizadores em relação as outras personagens citadas. O menino, então, não tinha noção do peso do lugar social que possuía, mas no decorrer da narrativa, sua visão sobre a existência humana é reconstruída e redescoberta. Então, para compreender as relações interraciais, é preciso adentrar à memória do período de colonização para entender a construção desse sistema estruturalmente racista que compõe o indivíduo não-negro e que possui privilégios.

3 AS COMPLEXAS RELAÇÕES INTERRACIAIS DAS PERSONAGENS

Na narrativa de Valter Hugo Mãe, as vivências das personagens negras são repletas de inferiorizações e preconceitos, sendo na maior parte das vezes, advindos de personagens brancos que não se reconhecem como pessoas privilegiadas na sociedade. É corriqueiro encontrarmos a presença, principalmente, de homens brancos ocupando cargos na alta sociedade, enquanto o negro não possui a mesma oportunidade, porque a equidade racial não é contemplada e isso é notável nas relações de poder entre o dominador e o considerado dominado.

Em *O nosso reino*, essa visão é exposta porque Benjamim, protagonista branco e masculino, possui benefícios no vilarejo, pois a sua família é uma das únicas que tem um poderio econômico e social, diferentemente das outras personagens na aldeia de pescadores. Por isso, identificamos a presença do privilégio branco, porque mesmo o menino e sua família possuindo uma casa de alto padrão, comida e bebida, automóvel, emprego em órgãos públicos, como é o caso da tia Cândida, ainda assim, projetavam, excluía e tinham uma ideia marginalizada das personagens que não possuíam as mesmas condições sociais.

Em consideração a isso, este capítulo tem por finalidade compreender as complexas relações das personagens brancas com as negras, levando em conta o preconceito racial que está pautado pelo privilégio branco. No primeiro subtópico, designado *Branquitude em O nosso reino: o privilégio do não-negro na vila*, compreende-se as relações de poder em um vilarejo estruturalmente racista, expondo questões vindas do período de colonização e que está presente na atual colonialidade do tempo da trama, 1974. No segundo subtópico, intitulado *O desnascer e o renascer de Benjamim: uma jornada contracolonial?* é abordada a mudança de percepção de ser e estar no mundo da personagem principal, Benjamim. Pois o menino, no decorrer da narrativa, experiencia o que um indivíduo oprimido vive diariamente, sendo um espaço cercado de perdas, dores, repressões e medos. É diante do mistério da vida que a criança, apesar de todas as dificuldades, compreenderá as existências, as diversas crenças, principalmente a conexão com a natureza e os modos de viver e de morrer. Por isso, ao final do romance, Benjamim é considerado o menino mais triste do mundo.

3.1 Branquitude em *O nosso reino*: o privilégio do não-negro na vila

A expansão europeia do final do século XV e início do século XVI teve como ponto central o colonialismo que é caracterizado como a principal forma de exploração econômica e cultural, sendo promovida pelos europeus. É uma prática, na qual, os indivíduos exercem uma dominação política, social, religiosa e econômica sobre um determinado povo, impondo, muitas vezes, de forma cruel e agressiva.

Durante muito tempo, as relações de colonialismo foram tidas como uma ideia de pacto colonial, a fim de gerar um alto lucro para a metrópole e por isso, as pessoas dos comércios locais eram obrigadas a vender os seus produtos por um valor baixo e assim, a metrópole com a exploração enriqueceria através dessa subordinação, como Cida Bento (2022, p. 30) discute em *O pacto da branquitude*: “à medida que a Europa foi se expandindo pelo mundo e os europeus foram acessando e se apropriando dos recursos materiais e simbólicos dos “outros”, a narrativa da branquitude foi sendo construída”. Por isso, era estabelecida uma relação de superioridade e dominação entre os povos colonizadores e colonizados.

A expansão colonial coincidiu com o início do sistema capitalista, porque as colônias foram vistas como fonte de matérias-primas. Sendo assim, a condição dependia da cor/raça, existindo uma discrepância entre os povos dominadores com os tidos como inferiores. De um modo geral, o colonialismo circundava um centro que possuía a sua parte inferiorizada. Neste caso, o centro seria o homem, branco, colonizador e a parte insignificante seria o sujeito negro e escravizado. Por isso, um conjunto de fatores contribuiu para modelar um pensamento ocidental pautado no branco, na unicidade e no dominante.

Assim, a visão que a Europa possuía era eurocêntrica, pois acreditavam ser o centro mais importante da cultura e da economia, levando em conta somente os seus valores e as suas ideologias, como se fossem referência no mundo como um todo. Portanto, é constituída por uma visão preconceituosa, uma vez que, não possuíam abertura para compreender outros modos de ser e saber, com a perspectiva de que as outras culturas eram incomuns, pois fugia do que seria representado como o “normal”. Essa questão é vista nos períodos em que as culturas dos povos nativos foram desrespeitadas e inferiorizadas, como Kilomba (2019, p. 206) aborda: “a África é o único continente cuja população foi negociada: desmembrada, escravizada, coletivamente segregada da sociedade e privada de seus direitos, tudo para o

benefício das economias europeias”. A visão europeia sobre os continentes africanos é representada com um sentido pejorativo, como se fossem desprovidos de capacidade por serem negros, já que a branquira é considerada como um sinal de inteligência.

Sendo assim, como aborda Bento (2022, p. 28): “foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste.”. Isto é, os europeus definiram o branco como sendo o universal e a referência do meio social, enquanto projetavam e discriminavam quem fosse racialmente diferente. Ou seja, habitualmente, quem detém o poder, não dispensa os seus privilégios e a sua posição na sociedade, sendo uma realidade vista em diversos ambientes e em instituições, tanto públicas como privadas.

Por isso, o colonialismo é uma prática que ainda está na sociedade de diversas formas, como é discutido por Aníbal Quijano (2000, p. 343): “não existe modernidade sem colonialidade”. É tido como uma prática presente nas relações e nos discursos de poder do círculo social, isto significa que os discursos proferidos há um tempo, perduram no cotidiano, mas, sobretudo, perpassa entre os indivíduos minoritários, “de tal modo, a opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores” (Bonnici, 2009, p. 230). Por causa do pensamento colonial, as relações de poder se tornaram desiguais e exploratórias.

Em *O nosso reino*, as relações de superioridade e exploração são representadas por Benjamim e sua família, pois como abordado, é pela retomada da memória que é possível identificar o passado histórico do Estado Novo que se faz presente na obra: “falava como se as coisas se passassem longe dali, contava-lhes de Portugal” (Mãe, 2019, p. 130). Este trecho exemplifica a forma das personagens do vilarejo estarem no mundo, porque a aldeia é interpretada como um lugar atrasado, desassossegado e improdutivo, como se as coisas não chegassem até ali. Sendo assim, Benjamim e seus familiares possuíam uma posição de privilégio, porque eram beneficiados através da branquitude e pela alienação ao governo da época, percebendo-se assim, uma autopreservação entre pessoas brancas com posições protegidas e favorecidas no vilarejo, por exemplo, o avô, o pai de Benjamim, que não são mencionados pelo nome, e o padre Felipe.

Em comparação com outras personagens da aldeia, a ascensão social da família era elevada, pois mantinham uma casa de padrão mais alto, principalmente por causa dos avós. Por isso, Benjamim acreditava que a sua avó, por ser rica, não suava, essa relação pode representar a ideia de que ela não trabalhava, mas que conservava a sua nobreza: “a minha casa, que era a dos meus avós e dos meus pais, era uma das poucas casas com fartura. era uma casa de gente fina, como eu acreditava” (Mãe, 2019, p. 90). Ou seja, eram umas das poucas famílias que tinham comidas e bebidas fartas na mesa, enquanto as outras personagens tinham que trabalhar e pescar para ter com o que se manter, pois eram tempos difíceis.

Como é visto no seguinte trecho, há o contraste das condições sociais das personagens que bebem e comem em abundância na casa da família: “[...] a sala estava repleta de vinhos e doces que a minha mãe e a minha tia prepararam desde muito cedo. os homens comeram e beberam longamente” (Mãe, 2019, p. 29). A própria bebida pode retratar as desigualdades que existiam naquele lugar, pois o vinho se tornou relevante na Europa e somente pessoas com riquezas tinham acesso a esse privilégio, simbolicamente sendo tratado como um *status*.

A branquitude é um fator silencioso que está condicionado a um medo por parte das pessoas brancas que possuem acesso à benefícios sociais, pois para eles, os sujeitos negros são vistos como uma ameaça, como Kilomba (2019, p. 159) discute: “as pessoas negras tornam-se a representação daquilo que a sociedade branca tem empurrado para o lado e designado como perigoso, ameaçador e proibido”. Dito isso, os brancos podem ter noção da capacidade dos negros e, por isso, temem perder as suas vantagens para indivíduos que consideram inferiores. A chance de um indivíduo negro ocupar um cargo de alto poder assusta a elite, como Fanon (2008, p. 159) expõe em *Pele negra, máscaras brancas*: “é fato: os brancos se consideram superiores aos negros”. É uma realidade composta estruturalmente a partir da colonização, sobretudo, sendo presente de forma escancarada ou velada, mesmo após o fim do Estado Novo.

Como abordado, essa prática está nas relações de Benjamim com as personagens negras, sendo um vínculo de discriminação. No enredo, há a presença de uma personagem branca, em que, é nomeada de Sr. Hegarty, um homem que cantava na igreja, já no início percebe-se a construção imagética na figura de um santo, de uma pessoa de deus e da família. Por isso, ao deparar-nos com as referências a essa personagem não-negra, percebemos a edificação do pensamento

colonial transmitido a Benjamim, pois é na presença do Sr. Hegarty que o menino descreve o seu pensamento baseado no que seria bom ou ruim, sendo uma herança incutida do privilégio branco, como é visto no seguinte fragmento:

[...] por isso se esbranquiçou seu corpo para a cor das nuvens, o senhor hegarty tendeu para anjo, e assim foi. o nosso senhor hegarty já não me enganava, ainda que ele desacreditasse ser verdade o que eu pensava, eu supunha. com a sua voz de anjo, e cor de anjo não lhe faltava, o senhor hegarty tendia para anjo como um homem prometido ao céu. e estava entre nós para nos ajudar. para nos querer bem, como ninguém mais seria capaz (Mãe, 2019, p. 29-30).

Notamos a presença de certas figuras de linguagem para exprimir alguns sentimentos. Por isso, no trecho acima, ao observar as características do Sr. Hegarty, Benjamim o compara a um anjo, atribuindo ao personagem um aspecto celestial por ter a cor de pele clara, e por causa disso, seria livre do pecado e merecedor de ir para o paraíso, como é apresentado por Fanon (2008, p. 112): “Sentimento de inferioridade? não, sentimento de inexistência. O pecado é negro como a virtude é branca”. Nesse caso, o europeu acreditava que a raça escolhida para o reino dos céus seria a branca, enquanto os negros seriam dessa cor por causa de seus pecados, já que imaginavam que os sujeitos negros eram sujos de corpo e alma. Isso é visto quando Benjamim contrasta a figura de Sr. Hegarty à D. Darci, como quem aspirasse para o céu fosse o branco, enquanto o negro visava o inferno, sendo evidente o paradoxo entre deus e o diabo.

A representação da questão racial está naturalizada e externalizada à Benjamim, como é mostrado no seguinte trecho: “lembrei-me do dia em que o manuel me disse ter avistado um gigante branco ao pé da vila. ofegava e era convincente, um gigante branco, do tamanho das casas a parecer uma luz intensa ou um anjo” (Mãe, 2019, p. 29). Essa relação com o gigante pode ilustrar a presença da figura dos líderes de Estado, Salazar e Caetano, já que eram homens e brancos, dominando social e culturalmente a todos que ali habitavam no vilarejo e não indagavam o motivo de tanto sofrimento. E mais uma vez, há a interpretação de que o branco simbolizava a claridade, assim como está nítida no seguinte fragmento: “[...] ele sobrava do corpo e luz” (Mãe, 2019, p. 160), referindo-se assim ao sujeito branco, especificamente o Sr. Hegarty que era visto como alguém de outro mundo, um mundo bom.

Outro momento relacionado ao Sr. Hegarty é quando a personagem está doente e não consegue cantar com a sua voz celestial, então Benjamim imaginava

que os tempos difíceis iriam chegar, compreendendo a composição dos ideais dos conceitos positivo e negativo. O ponto desfavorável seria o momento difícil da perda de poder e privilégios de Benjamim e sua família, situação que causava muito receio ao pai e ao avô. Em contrapartida, o ponto positivo seria a voz e o canto do indivíduo não-negro, que indicava paz e calma, denotando assim, a normalidade: a voz de deus e dos anjos, como é referido no seguinte excerto:

porque haveria de se impedir tão belo canto, não seria manifesto de tempo difícil a chegar, perguntava. e o senhor hegarty nunca estava afônico, era dos anjos. e os anjos não se estafam nem enrouquecem com a aragem. muita coisa errada andava por ali, era isso, muita coisa errada que só um plano poderia arrumar (Mãe, 2019, p. 29).

No fragmento acima, Benjamim acreditava que as coisas erradas andavam pelo vilarejo, porque a personagem branca havia adoecido e na visão dele, anjos não poderiam ficar doentes, por isso, essa personagem teria sido gerada entre a vida e a morte, por essa razão, era considerada um ser de deus: “o senhor hegarty cantou uma melodia muito triste, e no fim ergueu os braços por sobre nós (...) talvez por força dele não choveu nesse dia de inverno” (Mãe, 2019, p. 33). Tal fragmento conduz à noção de que esta personagem possui o poder de permitir que as coisas aconteçam ou não no vilarejo, é como se estivesse acima de tudo e de todos. A presença do anjo, para a religião, é vista como um sinal de proteção e conexão com o outro mundo, como se fosse a ponte entre Deus e o homem, assim como Benjamim considerava existir:

a tia cândida foi quem disse primeiro, a sua voz aperta o céu contra a terra, como num abraço. traz para o nosso meio o que só existe para além da realidade. [...] por isso celebrava o senhor hegarty o senhor e provava a existência dele através do senhor hegarty [...] (Mãe, 2019, p. 159).

No trecho acima, é percebido a mistura do real com o transcendente, pois havia a crença de que a existência de deus estaria sendo representada pelo Sr. Hegarty e o seu canto celestial: “passando pelas terras como prova de algo maior. um descanso para os temerosos do fim da vida. uma esperança nas coisas do lado de lá” (Mãe, 2019, p. 159). Essa personagem é simbolizada por uma vivacidade e pela caridade. A referência ao divino e ao céu é nítida desde o início da obra, iniciando pelo título, entendendo assim, o modo em que o protagonista está submetido à ideia da fé, do paraíso e do descanso, como é exposto no fragmento citado acima.

A presença da branquitude relacionada à discriminação também é notada no seguinte trecho: “[...] e seria um anjo no céu e nunca uma carcaça velha no inferno” (Mãe, 2019, p. 19). O sentido de ser uma carcaça remete a algo feio e acabado, que é justamente a imagem que Benjamim possuía da personagem negra, enquanto o anjo no céu significaria a personagem branca, como bem discute Kilomba (2019, p. 195): “[...] A narração do racismo ocorre através de descrições do outro branco em oposições binárias: branca/negra, preguiçosa/trabalhadora, privilegiada/não privilegiada, rica/pobre. Um termo só ganha significado em relação à sua contraparte”. Ou seja, o parâmetro de beleza, na visão do protagonista, significaria o ser branco: o bonito e o correto, enquanto o negro seria o feio e o errado. Um em oposição ao outro, sendo uma estratégia do pacto que existe entre pessoas brancas.

É uma imagem passada de geração para geração, pois desde a infância, o sujeito não-negro é ensinado, mesmo que de forma sutil, que o normal seria a cor de pele branca. Sendo um discurso passivo-agressivo que está enraizado na história, reforçando assim, a exploração das pessoas negras. Essa questão é vista nas revistas e em histórias de quadrinhos, porque o herói é, frequentemente, representado pelo branco e o malvado/vilão é simbolizado pelo negro. Esse ponto é presente na diegese, porque o círculo familiar e de amigos, interpretados como personagens brancas, de Benjamim transmitem e sustentam o pensamento de alteridade do Eu e do Outro, percebendo-se assim, a negação em reconhecer o racismo e a projeção de pensamentos discriminatórios em personagens minorizados, tanto pela cor da pele quanto pelo poder aquisitivo, como Kilomba (2019) argumenta:

[...] *negação* [...] é um mecanismo de defesa do ego que opera de forma inconsciente para resolver conflitos emocionais através da recusa em admitir os aspectos mais desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos. Essa é a recusa em reconhecer a verdade (Kilomba, 2019, p. 43).

A negação, na branquitude, é caracterizada tanto pela brutalidade física e política, quanto pela identitária, pois no trecho acima, a autora denuncia o quanto essa negação afetou a raça no período de colonização e que, ainda, afeta a humanidade e a existência das pessoas negras no pós-colonialismo, pois o processo e a estrutura do sistema são favoráveis ao indivíduo não-negro, ocasionando assim, a desigualdade racial. Nesse caso, o sujeito impõe ao Outro o que ele teme achar de si mesmo, por isso, o ego do branco é atingido e ocorre a negação. A guerra colonial,

mostrada no romance de Mãe, corrobora a afirmação da superioridade existente entre o colonizador *versus* colonizado.

No enredo, quando a avó de Benjamim falece, o protagonista permanece em uma oscilação de pensamentos e imaginações, então há, novamente, a presença de um ideal preconceituoso frente à branquitude: “eu imaginara que o escuro debaixo da terra, e a água da chuva que entraria por todo o lado e alagaria as sedes brancas de lama. como tudo se deixaria sujo, tão desmazelado e indigno da minha avó que não suava” (Mãe, 2019, p. 32). Como já citado, a branquitude apresenta medo de se “sujar” com a raça negra e isso fica evidente no trecho acima, porque Benjamim acredita que a lama, preta, irá sujar a sua avó, branca e rica, de forma que a deixará indigna, por se contaminar com essa cor. Assim, demonstra a hierarquização da raça, no qual, o negro é interpretado como sujo. É por causa desse pensamento que, ainda na sociedade, a imagem do negro é repercutida como o exótico, o imundo e/ou o inimigo.

3.2 O desnascer e o renascer de Benjamim: uma jornada contracolonial?

A relação da igreja católica com a Europa vem de longa época e ganhou formatos identitários com a Inquisição e demais projetos da Contrarreforma. Sendo assim, os colonizadores eram designados para expandir a fé cristã católica no país, colaborando com o discurso de salvação, como discute Lourenço (2001, p. 14) em *A nau de Ícaro*: “na realidade, a tonalidade da cultura portuguesa entre os anos 40 e os fins dos anos 60 era submetermo-nos pelo diálogo nunca explicitado entre um discurso de enraizamento tradicional, quer dizer, católico”. Muitas vezes, estabelecendo a estratégia do catolicismo, mesmo que o indivíduo possua a sua própria crença. Esta indagação é exibida na trama de *O nosso reino* de forma incontestável, pois, como mencionado, existia a figura do padre Felipe no vilarejo, sendo a representação de um indivíduo que coagia e intimidava coletivamente os fiéis, porque se faltassem as missas, poderia custar o inferno. A pressão em seguir os dogmas da igreja católica era pautada no castigo, no medo e no pecado, mascarando os verdadeiros modelos do que a fé cristã pregava, como Lourenço (2001) vem abordar:

[...] a verdadeira ameaça contida na atual apoteose do cultural é a que se esconde ou manifesta na mais ou menos sútil subordinação do cultural ao político [...] levado ao absurdo pelo totalitarismo moderno, mas no sentido *soft*

democrático, da gestão e vivência do cultural como máscara, apenas disfarçada da mais trivial vontade de poderio (Lourenço, 2001, p. 12).

Interligando a citação acima com a obra *O nosso reino*, interpretamos a forma do homem lidar com a religião para conseguir o poder, no caso, o padre Felipe, de subordinar os cristãos para conseguir o que almeja. Por isso, existia no vilarejo, um ato obrigatório que fazia mal a Benjamim, que era a confissão. Por causa disso, a criança ameaçava cometer suicídio, caso o obrigassem a se confessar, já que a figura do padre era autoritária e abusiva.

Ao se desvencilhar desta imposição, o menino se sentia livre, como é visto no trecho a seguir: “fiquei muito protegido por abandonar a obrigação da confissão, a chegada dos domingos trazia uma bênção feliz” (Mãe, 2019, p. 67). Percebe-se, então, a organização religiosa baseada no condicionamento de comportamentos, gerando um sentimento de angústia, em que, a liberdade é trazida pelo abandono da ação religiosa. Isso também é visto na sociedade, em que, o catolicismo impregna a confissão como uma exigência para se livrar dos pecados.

No desdobramento da vida de Benjamim, ele vivencia perdas e dores, começado pela ausência do seu pai, como visto, uma personagem machista e patriarcal, que se torna alcoólatra, a própria bebida pode ser uma fuga da realidade, pois havia a possibilidade de perder a autoridade, já que os avós tinham falecido: “falei com o meu pai e foi pior. a partir do dia em que a noite não veio ele passou a beber. ficava fora de casa muito tempo, voltava quando já só caía na cama sem dizer sem fazer nada [...]” (Mãe, 2019, p. 89). A partir dessa situação, a tristeza tomou conta do ambiente da casa, pois Benjamim, cada vez mais, se sentia desamparado e desolado, porque de fato, não ter a presença paterna era doloroso, principalmente, se tratando de uma criança de oito anos: “e o meu pai entristecia, eu sabia que aquilo era o meu pai a entristecer e a abandonar-me” (Mãe, 2019, p. 89). Mesmo a figura do pai sendo abusiva e reconhecendo que pertencesse aos maus, Benjamim sentia compaixão. Essa é uma das primeiras ações que sucederão outros comportamentos.

Com a morte dos antepassados e o sumiço do pai, os dias difíceis para Benjamim e sua família iam ficando cada vez mais presentes, ao ponto de, muitas vezes, não terem com o que se alimentar, definhando gradativamente mais. Há uma diferença de classe social de quando os avós eram vivos para quando falecem, pois nos tempos da moradia com os avós o banquete era grandioso, diferentemente dos dias citados, que eram de extrema pobreza, fome e miséria, como é observado no

fragmento abaixo:

era o pão e o leite frio que nos mantinha, posto por mim à boca dos meus irmãos como se banquete cozinhado. o pior vinha nos dias em que o pão não chegava e o leite acabava. se eram horas, ainda descia à mercearia, a dona tina anotava na conta. se era noite guardávamos o estômago nos braços e emagrecíamos (Mãe, 2019, p. 114).

Na ação de guardar o estômago nos braços, nota-se a presença de uma metáfora brutal para representar a fome que estavam sentindo, percebendo assim, a insegurança alimentar da família, pois nem todos os dias tinham o pão e o leite frio. Com ajuda da professora Blandina, era na escola que Benjamim e seus irmãos estavam se alimentando de forma reforçada. Logo, a relação de ambos se fortificava ainda mais, pois era ela que dava assistência e percebia a vulnerabilidade da família. Essa circunstância é vista em locais de maior pobreza, em que a desigualdade social é predominante, pois as crianças frequentam a escola em busca da alimentação e quando está no período das férias, passam fome. Esta questão também seria vivenciada por Benjamim e sua família, porque na residência, a família estaria passando necessidades.

Por causa do amadurecimento de Benjamim, as perspectivas sobre o mundo e sobre as pessoas foram mudando e complementando-se, alcançando a liberdade que tanto almejava e a angústia ia esvaindo, porque uma das formas de amparo da família era a mentira como um sinal de proteção extrema, sendo um pensamento vindo da própria fé cristã. Nesse início, já se percebe a mudança comportamental que será explícita adiante, como também está evidente neste trecho, a santidade e a igreja causavam-lhe medo e pavor:

era um animal escondido havia muito e agora queria mesmo sair cá para fora, ver como eram as coisas. ver tudo. o mundo que não tinha fim. que para lá das árvores estavam árvores, era mentira que acabava tudo. havia países em todas as direções, se andássemos muito chegaríamos a espanha ou a inglaterra (...) eu já achava que os caminhos frustrados do arvoredo eram só para dificultar a passagem, mas se voássemos de avião ultrapassaríamos todas as barreiras e chegaríamos ao outro lado [...] (Mãe, 2019, p. 65).

Vê-se, acima, a relação de ser um animal escondido, remete à ideia da falta de liberdade e os receios que estavam na cabeça de Benjamim, culturalmente falando. Mas a partir da transformação, o ponto de vista do menino se torna, aos poucos, amplificado e singularizado, dando abertura à outras visões de mundo havendo a

compreensão de que outros países se localizavam perto do vilarejo e isso acontece, principalmente, porque existe um outro olhar para as diversificadas culturas que não é somente a de si próprio, que era a perspectiva do europeu, como Lourenço (2001) debate:

Durante séculos, nós – os ocidentais – vivemos espontaneamente na convicção de que toda a humanidade usava uma espécie de relógio onde o nosso tempo e a mitologia pouco inocente que nele se exprimia se liam da mesma maneira. (...) Não era cinismo, era só a impossibilidade de imaginar que houvesse uma outra história e um outro tempo diferente dos nossos (Lourenço, 2001, p. 72).

Lourenço reflete sobre a vivência dele e dos portugueses, principalmente de entender o lugar dos lusitanos no processo de colonização e descolonização. Inclusive, é isso o que acontece no meio para o final da narrativa, porque Benjamim vivenciará, um pouco, o lugar do outro e entenderá as várias culturas existentes, como Lourenço (2001, p. 62) aborda: “todos os povos e culturas são multiplicidade de tempos”. Então, ele compreenderá e redescobrirá a existência e a fragilidade humana de forma empática sem negar o outro, porque, enfim, tem consciência do preconceito dos adultos de sua família e do vilarejo:

e eu encolhia as pernas e chorava apavorado, por nunca ter percebido que o sofrimento das pessoas era tão grande, e pensei na dona darci, tão calmamente sozinha, e vi aquelas mulheres estropiadas de membros e coração, a pedirem por si e pelos filhos, maridos presos em camas, cabeças apagadas de loucura, fome, e eu a recolher as pernas e a chorar (Mãe, 2019, p. 92).

A existência do choro, no fragmento, é uma forma de sentir o remorso e a culpa de todos os pensamentos e pontos de vista que foram transmitidos a ele. A partir do reconhecimento de que conservava preconceito e racismo, Benjamim começa a perceber as injustiças sociais. Na narrativa, há algumas personagens relevantes que são essenciais para a recriação de Benjamim como ser humano, principalmente a D. Darci e a professora Blandina, pois é por meio delas que a criança aprende de forma significativa, isso é elaborado no seguinte trecho: “a pele, dizia a dona darci, é um pedacinho de tecido que cobre a carne igualmente vermelha de todos nós” (Mãe, 2019, p. 83). D. Darci exemplifica e mostra à criança de que todas as pessoas são iguais em suas diferenças. Assim, mostra a Benjamim a importância de conhecer e aprender com cada laço afetivo que surgir na sua vida, embora sejam encontros

passageiros, assim como a personagem vem discutir as diferenças culturais existentes:

não era que lhe faltasse a fé, dizia-me a dona darci, era uma fé diferente, como eu, confessava. em áfrica acredita-se em forças secretas para nós aqui, dizia. são deuses diferentes que de tão próprios nem precisam de ser deuses, são mesmo forças da natureza como se a natureza toda imperasse sobre tudo e todos. e quem sabe a natureza toda junta seja deus, disse-lhe eu, e ela esfregou-me a cabeça e sorriu (Mãe, 2019, p. 170).

Na parte acima, percebe-se a diferença com o início da narrativa, porque a perspectiva sobre a África é vista com um olhar mais profundo. Isso se dá, principalmente, pela ajuda e pelo afeto de D. Darci ao explicar que existem deuses diferentes e que cada um acredita no que julga ser válido, sem impor a sua fé e crença ao outro. Inclusive, pelo discurso de Benjamim ao reconhecer que a própria natureza seja um meio para acreditar que existe algo maior pois, inicialmente, ele possuía medo de se relacionar com os elementos naturais (uma ideia incutida da Europa), por esse motivo, percebe-se o quanto ele amadureceu: “estamos todos, com a solidão, estamos todos. porque mentiste sobre áfrica. em angola as coisas não são assim, já sei” (Mãe, 2019, p. 100). A mudança de ideias e comportamentos também se deu por causa das situações dolorosas e complexas vivenciadas pelo menino, principalmente quando chega o inverno do vilarejo, em que, era bastante comum chover onde moravam.

A casa que moravam não estava em boas condições porque aos poucos foi apodrecendo devido às chuvas e lamas. Em um dos invernos de fome, angústia e pobreza, após uma longa tempestade, a casa da família finda, desmoronando, atingindo Paulinho e Justino, irmãos mais novos de Benjamim, que acabam falecendo:

veio abaixo de cair de podre, os tectos e as paredes puderam apodrecer tanto nos últimos meses (...) e nada do ruído, carpindo a vila inteira a desgraça de uma família tão assinalada, produzia um regresso ao que era antes. os meus irmãos já estavam mortos e encontrá-los assim era o mais que se haveria de recuperar (Mãe, 2019, p. 161-162).

O trecho acima representa tristeza e solidão para a vivência de Benjamim, pois a conexão que existia entre ele e os seus irmãos, era de muito cuidado e proteção, tendo um papel significativo de irmão mais velho, já que o pai não era mais tão presente. A família, que antes era tão ilustre e tinha importância no vilarejo, mostra-se disfuncional e transfigurada por causa da série de acontecimentos: mortes e

perdas. O desmoronamento, além de significar as ausências, pode também representar a desconstrução de um pensamento egocêntrico para um altruísta, um recomeço. Tais mudanças elaboram, também, um retorno ao que importa na existência humana: a conexão com a natureza, com os animais e o diálogo com a terra.

Após o acontecimento, Benjamim e sua mãe passam uma temporada na casa da tia Cândida e do Sr. Francisco, em que, cada vez mais, o declínio e a tristeza tomam conta das personagens: “a partir de todo o entristecimento acelerou-se o processo de redução dos nossos corpos, mais faltados à comida [...]” (Mãe, 2019, p. 168). Percebe-se assim, na descrição da falta de comida, a conexão com uma pessoa colonizada, porque a alimentação do povoado era escassa, sendo uma situação desumana. A tristeza e a redução de corpos também têm a ver com o descobrimento de Benjamim ter nascido de um adultério, a sua mãe o teve com outro homem, antes de se casar com o seu pai. Então, esta circunstância perturba o menino, tanto pelo acontecimento quanto por ela ter negado a verdade durante muito tempo. Desse modo, a mãe de Benjamim, que não é referida pelo nome, tem indícios de depressão e se joga da pedra da “louca suicida”, o rochedo citado no início da nossa análise. A dor de perder o marido, a casa, os filhos, era inevitável, como vemos no trecho a seguir:

a minha mãe foi deitar-se do rochedo da louca suicida. deitada dali a morrer de cansaço, vazia dentro da cabeça. não fui ver (...) despojada de roupa e violentamente manobrado para se abrir em dois e voar velozmente, metade para o céu, metade para o inferno. e assim se fez a alma da minha mãe em partes, aceite por deus a santidade de que fora capaz, condenada ao diabo pelos pecados tremendos (Mãe, 2019, p. 172).

Novamente, há a noção paradoxal de deus *versus* diabo, por acreditar que a mãe seria condenada por ter pecados intoleráveis. Como mencionado, a diegese é permeada de metáforas e alegorias, com isso, no trecho acima, há a presença do “voar velozmente” que representa o salto da louca suicida, o rochedo, essa utilização de pensamentos pode até significar a presença do imaginário de uma criança, por estar na oscilação entre o real e o fantástico.

A narrativa também aborda o fim do Estado Novo e, conseqüentemente, a Revolução dos Cravos. É por meio da professora Blandina que eles têm acesso às mudanças sociais e políticas, mesmo que de forma indireta: “a professora Blandina recebeu-nos com brilho nos olhos (...) e explicou, ontem os senhores que dirigiam o país foram mandados embora, agora estão pessoas do povo a trabalhar para ver

quem vai dirigi-lo (...) estávamos em abril” (Mãe, 2019, p. 115). A Revolução dos Cravos ocorreu no dia 25 de Abril de 1974 que derrubou a ditadura de Salazar-Caetano, por causa disso, a notícia traz alegria para a professora, pelo fato de querer um país democrático. Ela era uma das poucas personagens que compreendia sobre o sistema opressivo e, para isso, a Blandina utiliza uma linguagem acessível e leve, para que as crianças entendam. Desse modo, Benjamim acredita que o seu pai pertencia ao governo ditatorial de Caetano-Salazar, por fazer parte de uma organização patriarcal, machista e prepotente. Por essa razão, a Revolução dos Cravos teve uma ligação com o processo de descolonização da África, sendo até um meio de compreender a diminuição da identidade colonizadora de Benjamim e a sua abertura anticolonial para o mundo.

Em suma, a partir dos acontecimentos marcantes da sua vida, Benjamim passa a viver como um tido selvagem, pois no final da narrativa, pela extrema fome e vulnerabilidade, ele volta às origens, ao ambiente natural: “e era verdade que a fome tão grande me trazia coelhos selvagens à mesa, dentes caninos, e a destreza das mãos aumentava pelas tarefas tão duras, calos espessos e a pele secando de fealdade e terra” (Mãe, 2019, p. 175). A fome o faz tomar medidas que, na interpretação dos tempos de riqueza e fartura, seria motivo de preservar discursos coloniais.

Então, é através da tristeza e das perdas que Benjamim possui desencanto pela vida e existência, tido como o menino mais triste do mundo, porém, mais humano, sensível e resistente. Em comparação com início do enredo, as visões de que os negros eram exóticos e primitivos eram transmitidos a Benjamim, justamente por achar que eles se aproximavam da natureza, por causa de suas práticas culturais. O irônico é que no final da narrativa, quem se torna dessa forma, é o próprio menino.

No trecho citado acima, Benjamim representa o colonizado, já que o orgânico e o cosmológico assustam o eurocristão, como é discutido por Antônio Bispo dos Santos (2018, p. 07): “relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. Eles tentam humanizar e tornar sintético tudo o que é original”. Então, a Europa possui medo de se relacionar com a natureza, por achar que é algo incivilizado. Por isso, há uma vontade de destruir tudo o que fosse original, tornar a natureza o jardim idealizado artificial e paradisíaco. Propagar elementos culturais sem a presença do orgânico e do biológico, prática essa chamada por Bispo dos Santos de *cosmofobia*, conceito criado por ele. Por causa disso, Benjamim é visto como um bárbaro, selvagem e

exótico, sendo construída uma imagem de animalesco, pois em *O nosso reino*, existia a ideia de voltar a essência e a conexão com os elementos naturais, já que a relação do homem com a natureza é importante para a sobrevivência, é a origem de tudo. Então, como visto, Benjamim se reconstrói como ser humano, mesmo que, tenha regredido economicamente, mas a progressão na vida individual é visível, porque ele se tornou acolhedor e empático com os Outros. Diante dos acontecimentos e das vivências, o que antes era colonial, agora se torna contracolonial, por causa da mudança de perspectiva do narrador autodiegético ao “desnascer”, termo utilizado no romance.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou por meio de noções como colonialidade e branquitude, através da perspectiva de Benjamim, compreender que, comumente, as estruturas das relações são pautadas no campo social e racial, principalmente se tratando do vínculo entre as personagens brancas e negras. Por isso, as temáticas abordadas no decorrer da pesquisa têm ganhado força dia após dia nas teorias descoloniais e decoloniais, pois a possibilidade de acessar o passado através da memória e de notícias, corrobora a amplitude, conhecimento e debate acerca dessas questões, mesmo que ainda permaneçam diversas relações de inferiorizações, segregações e descartes na sociedade. Por essa razão, este conhecimento serviu de alicerce para responder as questões de pesquisa realizadas.

Através das leituras, foi compreendida a importância de autores questionarem e criticarem a colonialidade, porque os indivíduos que sofrem com as diversas exclusões raciais, políticas, econômicas e sociais vindas dessas práticas, são os considerados minoritários, aqui, o negro e periférico. Desse modo, a importância de pessoas brancas possuírem um reposicionamento social vai além do reconhecimento de seu privilégio e herança na sociedade, por isso, é primordial educarem-se sobre a branquitude e cultivarem práticas antirracistas. Diante disso, na primeira questão de pesquisa, que buscava entender de que modo a colonialidade do poder é representada na narrativa, acreditamos que chegamos a tais respostas, pois em alguns momentos da obra, fica nítido que o colonialismo serviu para embasar o pensamento e os ideais da base familiar do menino, utilizando de suas riquezas para destilarem preconceitos, principalmente o racismo. Por ser através de Benjamim, é notável que este ato atravessa toda a obra, pois havia a identificação com o sistema colonialista da época, sendo mantido mesmo após o fim da guerra colonial, por isso, mostravam-se pessoas intolerantes.

Desse modo, Benjamim questionava e permanecia na oscilação do que seria o certo e o errado. Por isso, a composição familiar era influenciável e tinham lugares sociais privilegiados no vilarejo de pescadores. Com isso, o menino e sua família são entendidos como personagens beneficiadas, por serem brancas e portarem recursos financeiros, sendo que, não se enxergavam dessa forma e não reconheciam tamanhas regalias. É notável, pelo decorrer da diegese que a criança possui um modelo de pensamento pautado no que é belo, que é o branco, no caso, a

personagem Hegarty, porque Benjamim acreditava que por ser de pele clara, é um enviado de Deus, enquanto explora e subalterniza as personagens negras. Portanto, compreende-se a forma que a branquitude aparece na cosmovisão de Benjamim. E esta questão constata a condição humana baseada na cor e no poder.

Em *O nosso reino*, Mãe traz Benjamim e sua família como a representação do grupo racial branco que mantém o seu poder e reforçam a estrutura do sistema racista, ocupando uma posição de universalidade e unicidade, pensamento este que fazia parte da cultura europeia. Ou seja, ele traz o pertencimento do grupo racial, no qual, mostra a visão do branco quando enxerga o seu semelhante e a diferença relacional quando observa o “diferente”. Por isso, na branquitude da narrativa, há uma perpetuação de opressões e superioridades quando se trata da relação interracial.

Com isso, o encontro de Benjamim com as personagens negras, de início, é marcado por preconceito, medo e aversão, porque o menino, por ser branco, tinha a noção de que o diferente era ruim. Por isso, a forma de Benjamim tratar as personagens negras como um Outro, é baseada na construção racial da educação que lhe foi passada pelos adultos, porque era assegurado que a raça branca era suprema, sendo interligado com o sistema da branquitude que é abordado na narrativa, uma consequência do desempenho do colonialismo e perpetuado na colonialidade.

Com isso, as práticas da construção social na relação de Benjamim com o Sr. Luís e a D. Darci, são voltadas para o campo racial. No final, o vínculo é reconstruído, pois o menino vê as personagens negras com outra visão de mundo, mais empático e acolhedor. Por isso, ao se deparar com múltiplas culturas, crenças e diferentes existências, Benjamim se torna mais humanizado, sendo notável a atenuação da identidade preconceituosa e moralista.

Por fim, ao analisar a obra *O nosso reino*, de Valter Hugo Mãe, percebe-se que o autor aborda algumas questões da historiografia e da memória que são complexas e passíveis de discussões em pesquisas, como por exemplo, a cultura portuguesa. Por isso, os teóricos citados revelaram-se indispensáveis para a construção desta pesquisa, pois possibilitou aportes teóricos ricos em contribuições acerca do racismo, da branquitude e do colonialismo. E com isso, Mãe traz a imaginação e a fantasia como uma fuga da realidade, carregando a guerra colonial, a pobreza, o silenciamento e a religião sob o olhar de um menino de oito anos, temas estes que são difíceis para uma criança lidar. Desta forma, é perceptível que a colonialidade e a branquitude

transpassam a existência das personagens, moldam as relações e fazem parte da vivência de cada uma que mora na aldeia de pescadores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. **Teoria da literatura**. 8ª Ed. Coimbra: Almedina, 1988.

AZEVEDO, Luiz Maurício. **Estética e raça**: ensaios sobre a literatura negra. Porto Alegre: Sulina, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária**: abordagens teóricas e tendências contemporâneas. 3ª Ed. Maringá: Eduem, 2009.

CHEVALIER, Jean-Claude; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (ORG.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3a. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo / bell, 4ª ed. hooks; tradução Bhuvi Libanio. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Ligia C. M. **O foco narrativo**. 10ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2002.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MÃE, Valter Hugo. **O nosso reino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2019.

MIGNOLO, Walter. (2003), **Historias Locales/Diseños Globales**: Colonialidad, Conocimientos Subalternos y Pensamiento Fronterizo. Madrid, Ediciones Akal.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução de Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

QUIJANO, Aníbal (2000). **Colonialidad del poder y clasificación social**. Journal of world-systems research, v. 11, n. 2, p. 343.

SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/somos-da-terra/>. Acesso em 10/12/2023.